



Catálogo da Exposição

Mação, 2022

VALE DO JUNCO E O PASSADO ROMANO NO TERRITÓRIO DE MAÇÃO

Núcleo Museológico de Ortiga

Coordenação de Fernando A. Coimbra



Textos	<i>Vasco Estrela</i> <i>Fernando Coimbra</i> <i>José d'Encarnação</i> <i>Luiz Oosterbeek</i> <i>Rogério Carvalho</i>
Coordenação	<i>Fernando Coimbra</i>
Museografia	<i>Luiz Oosterbeek</i> <i>Fernando Coimbra</i>
Fotografia	<i>António Ventura</i> <i>Gonçalo Figueiredo</i>
Design Editorial e Edição de Imagem	<i>Joana Gerardo Rey</i>
Cartografia	<i>Rita Anastácio</i>
Organização, Conservação, Inventário e Difusão	<i>Anabela B. Pereira</i> <i>Fernando Coimbra</i> <i>Ana Parente</i> <i>Hugo Gomes</i> <i>Isabel Afonso</i> <i>Luiz Oosterbeek</i> <i>Margarida Pacheco</i> <i>Pedro Cura</i> <i>Rita F. Anastácio</i> <i>Rodrigo Santos</i> <i>Sandra Alexandre</i> <i>Sara Garcês</i>
Comissão Científica	<i>Davide Delfino</i> <i>Fernando Coimbra</i> <i>Hugo Gomes</i> <i>José d'Encarnação</i> <i>Luiz Oosterbeek</i> <i>Mário Antas</i> <i>Rita F. Anastácio</i> <i>Sara Garcês</i>

Catálogo da Exposição

Mação, 2022

VALE DO JUNCO E O PASSADO ROMANO NO TERRITÓRIO DE MAÇÃO

Núcleo Museológico de Ortiga

Coordenação de Fernando A. Coimbra

ÍNDICE

8	PREFÁCIO
9	DINÂMICAS DE POVOAMENTO: NAS ORIGENS DA RELAÇÃO ENTRE ESPAÇOS URBANOS E O MUNDO RURAL
14	A RELEMBRAR ESSE PASSADO ROMANO
18	VALE DE JUNCO REVISITADO
20	INTRODUÇÃO
24	AGRICULTURA
32	TECELAGEM
38	CERÂMICA
46	METALURGIA
54	O COMÉRCIO
60	MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
68	ALIMENTAÇÃO
72	EQUIPAMENTO MILITAR
76	AS ARTES
82	EPIGRAFIA E RELIGIÃO
90	CRENDICES E SUPERSTIÇÕES
94	GLOSSÁRIO
98	PARA SABER MAIS...
100	AGRADECIMENTOS

PREFÁCIO

VASCO ESTRELA¹

A exposição que agora damos a conhecer, permite-nos ter uma noção clara dos resultados de trabalhos arqueológicos levados a efeito no nosso Concelho ao longo dos anos. Como bem se percebe pelas Doutas palavras dos Professores Luiz Oosterbeek, José d'Encarnação, Rogério Carvalho e Fernando Coimbra, plasmadas neste catálogo, este nosso território é riquíssimo e diversificado em termos arqueológicos.

Este catálogo que, por certo, despertará curiosidade em conhecer a exposição, encerra também uma responsabilidade para o Município de Mação e, em particular, para os serviços do nosso Museu. A responsabilidade de retomar, prosseguir e intensificar os trabalhos de prospeção que outros no passado fizeram. Ao longo dos últimos anos algo tem sido feito, mas nem sempre, com a intensidade que todos desejaríamos. É nossa convicção que, agora, estão reunidas condições para retomar trabalhos de forma consistente, em particular no Vale do Junco.

Passando os olhos por esta exposição, somos levados a tempos longínquos através dos artefactos, objetos que os nossos antepassados por aqui deixaram. Fazem, por isso, parte da nossa história, da história do Concelho de Mação, uma história que importa preservar.

Devemos, por isso, estar gratos a Todos/as aqueles/as que nos têm permitido conhecer melhor esta Terra e estas Gentes. Esta exposição é, também, uma ocasião para deixar em nome do Município de Mação, os meus, os nossos agradecimentos, àqueles/as que contribuíram para as descobertas que aqui estão patentes.

Continuaremos assim a descobrir, a investigar esta época em particular, na certeza de que, como à frente é referido, muitos enigmas permanecem por resolver e, seguramente, testemunhos importantes surgirão dos trabalhos que irão ser desenvolvidos.

A Câmara Municipal de Mação, bem como o seu Museu e toda a sua competente equipa, estão empenhados naquele propósito. Temos a certeza que toda a comunidade Maçaense estará!

**DINÂMICAS DE POVOAMENTO:
NAS ORIGENS DA RELAÇÃO
ENTRE ESPAÇOS URBANOS
E O MUNDO RURAL**

LUIZ OOSTERBEEK²

2—Diretor do Museu Municipal
e Professor do Instituto
Politécnico de Tomar

As paisagens de Mação são estruturadas pelo encontro dos contrafortes da grande Serra da Estrela, com a densa rede hidrográfica da bacia do grande Tejo, ambos cortados pela crista quartzítica que se estende desde Espanha até à Lousã. Contrastando com terrenos circundantes, uma das suas principais características é a abundância de água, não apenas aportada pela rede fluvial mas intensamente produzida nos relevos florestados.

Há um pouco mais de 7.000 anos, possivelmente em reação à degradação natural do ecossistema que se encontra documentada por estudos na região, começam a instalar-se comunidades humanas que tentam compensar a perda de produtividade da vegetação e fauna natural do território, com técnicas de cultivo e domesticação de animais. A este primeiro ciclo de transformação agrícola do território virá juntar-se, há cerca de quase 3.000 anos, a exploração mineira, sobretudo do ferro e, mais tarde, do ouro.

A arqueologia da região demonstra que, passado o ciclo inicial de povoamento agrícola disperso, será a mineração, aliada ao comércio a longa distância, a principal responsável pelos períodos de maior densidade de ocupação humana. Numa economia de base agro-pastoril condicionada por solos de produtividade menor do que noutras regiões não muito distantes, será o eixo mineiro-comercial a regular os momentos de maior dinamismo: na Idade do Ferro e no Período Romano, certamente, mas também na Idade Média e na Época Moderna.

Neste tipo de economia, a vertente produtora de alimentos, ainda que muito presente, terá sido menos relevante no moldar da relação das gentes com o que as rodeava, ou seja, na construção dos seus “modos de ver”, na estruturação dos seus valores e na consolidação das suas “paisagens”. Terão sido as dimensões da extração, da transformação e do transporte as mais relevantes. Ou, dito de outra forma, terão sido as mais diretamente integráveis em rede de intercâmbio a longa distância.

Quando trabalhámos com a comunidade da Ortiga na organização da exposição do Núcleo Museológico, destacaram-se três palavras, bem visíveis na sala de exposição: extrair, transformar, transportar. São elas as que melhor caracterizam a coluna vertebral dessas visões de mundo,

apesar da sua grande diversidade na região. Que encontramos no ciclo da resina, nas pesqueiras do Tejo e, também, nos sucedâneos contemporâneos da monocultura intensiva.

Por isso, talvez, a diversidade cultural de Mação, que é um território de perfil essencialmente “rural”, tem hoje, e penso que poderá ter tido já no passado, um sentido muito urbano, que se encontra, por exemplo, nas estratégias das últimas décadas nos domínios da coesão social e da cultura, e sobretudo no da educação. No passado, mineiros e comerciantes terão tido, desde cedo, os olhos postos nas redes que conduziam aos grandes centros urbanos, dessa forma alimentando um ensejo de proximidade, ainda que na periferia.

A exposição que agora se apresenta, que inclui objetos e contextos revelados pelo trabalho de diversos arqueólogos que passaram por Mação ao longo de décadas e que souberam produzir conhecimento com as comunidades locais, ilustra o que poderemos considerar como o movimento de consolidação desse “modo de ver e de viver”, durante a Época Romana.

Qual a relação entre esse momento, o passado recente ilustrado na outra sala de exposição e a forma como hoje pensamos e atuamos em Mação? Com esta exposição espero que seja possível aos que vivem e trabalham em Mação e na região, e também aos que a visitam, conversarem sobre as raízes mais profundas que nos construíram como parte de uma certa cultura. Na convicção de que boa parte da forma como cada um de nós entende o mundo é fruto da História e de valores com raízes muito mais profundas do que as memórias permitidas por duas, três ou mesmo cinco gerações.

É num passado mais remoto que podemos procurar as sementes da diversidade cultural do presente e, por isso, é também aí que podemos buscar a compreensão de qual o tipo de caminhos que, mesmo de forma inconsciente, cada um de nós está preparado e disposto para trilhar.

**A RELEMBRAR ESSE
PASSADO ROMANO**

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO³

3—Professor Catedrático
jubilado da Faculdade de Letras
da Universidade de Coimbra

Propôs-me Fernando Coimbra que escrevesse, para este catálogo, umas linhas subordinadas ao tema «Romanização do Centro de Portugal e a importância de retomar este tipo de estudos em Mação».

Começo pela retoma. Desde a exaustiva monografia de Maria Amélia Horta Pereira, datada do bem longínquo ano de 1970, que se não levava a peito uma revisão do que se conhecia e a actualização dos dados existentes. Certo é que, na altura em que Rogério de Carvalho assumiu, em Castelo Branco, funções de responsabilidade oficial, a nível da Arqueologia e do Património, Mação atraiu de novo as atenções e, por exemplo, Vale do Junco foi dos sítios intervencionados, com resultados surpreendentes; não houve, porém, continuidade e já tivemos ocasião de mostrar que a singularidade dos vestígios se não compadece com intervenções esporádicas: uma acção continuada se há-de requerer.

É vasto, como se compreende, o tema «Romanização do Centro de Portugal», querendo, porventura, significar-se por «Centro» o território entre o Tejo e o Douro, ou seja, em termos administrativos romanos, o *conventus Scallabitanus*, com inclusão no *conventus Emeritensis* de boa parte da região da antiga província da Beira Baixa, *grosso modo* o actual distrito de Castelo Branco, dadas as estreitas relações documentadas entre a capital da Lusitânia, *Emerita Augusta*, e, por exemplo, a *civitas Igaeditanorum*.

Não se compadece, pois, com o teor de uma ‘apresentação’ essa tentativa, mesmo que assaz generalizada, atendendo, inclusive, ao facto de as investigações mais recentes — nomeadamente no domínio da documentação epigráfica — estarem a fornecer, de um momento para o outro, novas perspectivas. Quem pensaria, há uma década, que poderia vir a encontrar-se em Viseu o altar fundacional da cidade romana? Que insuspeitados horizontes poderá abrir a descoberta, nessa mesma cidade, de uma inscrição monumental do tempo do imperador Augusto?

Permita-se-me, por conseguinte, que me cinja a duas ou três observações que se me antojam significativas acerca desta zona que bordeja o rio Tejo.

O *aurifer Tagus*, em primeiro lugar. Sobejamente conhecido o facto de, no seu leito e terrenos circunstantes,

se encontrarem pepitas, que lhe valeram o nome por que os antigos o designaram: o «Tejo aurífero». Mais, de facto, no distrito de Castelo Branco; mas dois topónimos junto à foz (Almada, que, em árabe, significa ‘a mina’, e Oeiras, possivelmente por serem *aurarias*, ricas em ouro, as areias das suas margens) também dão a entender que todo o seu percurso se desdobraria numa generosidade apetecível. São bem conhecidas as áreas de exploração mineira romana mais salientes e dessa intensa actividade constitui prova cabal o agradecimento feito a Júpiter Óptimo Máximo, gravado numa inscrição, pelo egitanense Tibério Cláudio Rufo, por ter descoberto avultada porção de ouro. Depois, a ideia de ‘rio’ como ‘fronteira’. É-o, do ponto de vista físico, e fácil de utilizar como fronteira político-administrativa. Daí que o Tejo se considere o limite entre os *conventus Pacensis* e *Scallabitanus*. Fronteira política não significa, no entanto, fronteira social. Na verdade, a onomástica patente nas epígrafes mostra que há uma continuidade cultural entre as duas margens, os actuais distritos de Castelo Branco e Portalegre. Na onomástica e nos cultos indígenas.

A importância da *civitas Igaeditanorum* tem sido ultimamente salientada pelo recrudescer do interesse que o seu invulgar espólio vem despertando em variadas equipas de investigação. A cidade em si e o seu território. A reflexão em torno, por exemplo, da palavra *campus*, de larga conotação política, numa inscrição de Meimoa (Penamacor), que consigna a sua consagração no reinado do imperador Trajano, trará, certamente, outras perspectivas de análise, mormente porque a *colonia* de *Scallabis*, pela sua localização, continua envolvida numa tónica militar.

Não descurará a investigação o papel de *Sellium* (Tomar) nem a estratégia patente na construção das pontes de Alcântara e de Segura. E nesse quadro certamente se dará maior importância ao *iusiurandum Aritiensium*, gravado na placa de bronze encontrada, em 1659, nas areias da ribeira da Lampreia, próximo da sua confluência com o Tejo, na freguesia de Alvega, onde, segundo os primeiros relatos, «eram então visíveis vestígios de edificações antigas». Reza o texto que, a 11 de Maio do ano 37, perante o legado da Lusitânia, os Ariciensenses prestaram juramento de fidelidade ao imperador Calígula. Sabemos que esse costume do juramento vinha do tempo de Augusto, na

altura em que um imperador subia ao trono; todavia, o facto de os Aricienses o terem mandado gravar num documento a ser afixado em lugar público é prova de que não apenas *Aritium Vetus* se revestia de importância excepcional, mas que toda a região envolvente estava atenta ao poder central e, por seu turno, o poder central lhe dava atenção.

É, pois, nesse contexto que se deve continuar a encarar a investigação arqueológica sobre a época romana a desenvolver na região, na certeza de que muito haverá ainda a descobrir.

VALE DO JUNCO REVISITADO

ROGÉRIO CARVALHO⁴

4 — Arqueólogo responsável
pelas escavações em Vale do
Junco na década de 1980.

Como diria Aquilino Ribeiro, passou um “carro de anos” desde que orientámos a escavação arqueológica em Vale do Junco nos idos de oitenta e seis, onde isso já vai. Os trabalhos acabaram por se revelar profícuos, com a descoberta de uma provável oficina de ferreiro com todo o equipamento inerente, da bigorna aos malhos de martelar o metal ao rubro, do alcaraviz do fole à provável estrutura que serviria de apoio aos trabalhos que aí tinham tido lugar, num tempo que as memórias não registam.

Assim, o espólio revelou-se realmente interessante, e foi muito gratificante podermos contar com o apoio da direção do Museu Monográfico de Conímbriga, que se encarregou do restauro e da conservação das peças metálicas exumadas. Hoje fazem parte do acervo do Museu João Calado Rodrigues, na sede do município, onde ilustram uma parte significativa da ocupação do território no período da romanização. De realçar que o conjunto assume uma importância real para as gentes de Mação, que assim podem seguir o rasto dos antigos povoadores e das suas práticas.

Cabe a futuras investigações responder à questão que se nos colocou: seria o Vale do Junco uma villa romana conforme os materiais podem sugerir (*tegulae*, *sigillatas*, entre outros), ou antes uma zona de concentração de ofícios criada para servir *Aritium*, na margem fronteira do Tejo? Esta questão prévia, que nos parece pertinente, poderá nortear futuras investigações que, necessariamente, terão de partir daquilo que já é conhecido, para confirmar, ou infirmar, a tese inicial. As maiores venturas, pois, a quem nortear tais trabalhos.

INTRODUÇÃO

FERNANDO A. R. COIMBRA⁵

5— Coordenador da Comissão
Organizadora e arqueólogo do
Município de Mação.

Para além de importantes vestígios arqueológicos de épocas mais recuadas como, por exemplo, as gravuras rupestres paleolíticas do Vale do Ocreza, as antas da Lajinha e da Foz do Rio Frio, entre outras, e alguns povoados das Idades do Bronze e do Ferro, o território de Mação é também rico em testemunhos do Período Romano, até ao momento ainda pouco estudados.

Locais como a estação arqueológica de Vale do Junco (Ortiga), com um balneário apenas parcialmente desenterrado, e prováveis *villae* como a Coutada (Amêndoa) e a Senhora da Moita (Carvoeiro), entre outros sítios de cronologia romana, de características diversas, têm revelado um espólio interessante, que agora se divulga ao público na presente exposição temporária.

Entretanto, há ainda muito a fazer relativamente à investigação sobre o período romano no território de Mação, existindo ainda várias dúvidas sobre a tipologia de alguns dos sítios inventariados.

Ao projetar esta mostra, surgiu a ideia de a tornar atemporal, isto é, preservá-la para o futuro, através deste catálogo, de modo a que possa, de certa forma, ser “vista” por quem não teve possibilidade de a visitar. Com essa finalidade, apresentam-se aqui imagens de algumas das peças mais significativas que integram a exposição, acompanhadas de uma descrição simples, acessível ao público em geral, onde se incluem informações sobre o tipo de materiais expostos, qual a sua função, cronologia precisa (quando possível), e local de proveniência. Para além disso, muitos dos materiais agora apresentados ao público encontram-se ainda inéditos, contribuindo a presente publicação para o seu conhecimento por parte dos investigadores que se dedicam ao estudo do período romano.

A exposição é organizada por temas, tais como: agricultura, tecelagem, cerâmica, metalurgia, comércio, materiais de construção, alimentação, equipamento militar, artes, epigrafia e religião, credices e superstições. Cada um é apresentado a partir de pequenos textos da nossa responsabilidade, de carácter simples, com o objetivo de prestar informações e de despertar a curiosidade nos leitores, sendo complementadas pelas imagens referidas. Uma das peças expostas mais interessantes é uma estatueta em

bronze, recolhida pelo eminente arqueólogo Félix Alves Pereira em 1921, em Vale do Junco, que representa um jovem do sexo masculino segurando na mão direita uma cartela com uma inscrição em grego, o que revela um certo grau de cultura entre os proprietários deste sítio arqueológico durante o Período Romano. Devido à sua singularidade, esta bela peça foi selecionada para figurar na capa do presente catálogo.

Para comodidade do leitor, as palavras marcadas com um asterisco (*) encontram-se explicadas num glossário disponível no final deste catálogo, após o qual surge ainda uma seleção de referências bibliográficas, para quem quiser aprofundar os conhecimentos sobre o Período Romano no território de Mação.

AGRICULTURA

No território de Mação identificaram-se alguns casais rústicos*, de cronologia romana, onde a agricultura teve grande desenvolvimento como aconteceu em toda a Hispânia*, com avanços tecnológicos e introdução de novas plantas como a oliveira e a vinha. O azeite e o vinho resultantes destas culturas eram armazenados e transportados em ânforas*, circulando dos campos para as cidades e entre diversas províncias do Império. O cultivo dos cereais foi incrementado, relativamente a épocas anteriores, sendo os grãos armazenados em grandes recipientes cerâmicos (*dollia**), para posterior consumo. Introduziram-se novas ferramentas polivalentes, como o machado-alvião, que servia para desbravar mato, cortar raízes e cavar a terra. Para além deste utensílio, existem exemplares de enxadas, podoas* e de pequenas mós em pedra, que testemunham uma moagem de cereais, de tipo caseiro, com destino à alimentação familiar.

Na exploração agrícola do território hoje português tiveram grande importância as *villae**, mas, no que diz respeito à região de Mação, as atividades económicas desenvolvidas nestas propriedades ainda não estão suficientemente conhecidas.

Os conhecimentos de agronomia por parte dos romanos chegaram até aos dias de hoje principalmente através dos escritos de Columella (4 d.C. - 70 d.C.) como *De re rustica*, que trata da prática da agricultura, da pecuária e da apicultura.



01

ENXADA

Material: Ferro.

Dimensões: 19cm x 22,5cm

Proveniência: Vale do Junco (Ortiga)

Bibliografia: Carvalho e Cabral, 1996, p. 163 (Estampa V)



02

PODOA* COM ALVADO*

Material: Ferro

Dimensões: 39cm x 6cm

Proveniência: Vale do Junco (Ortiga)

Bibliografia: Carvalho e Ponte, 1987, p. 106



03

MACHADO-ALVIÃO

Material: Ferro

Dimensões: Comprimento do machado — 12cm; largura do gume — 7cm; comprimento do alvião — 13,5cm; largura do talão — 2,2cm

Proveniência: S. Miguel da Amêndoa

Bibliografia: Pereira, 1970, p. 250-251

Observações: Esta peça poderá datar da Idade do Ferro, mas este tipo de utensílios sobrevive com a mesma tipologia durante o Período Romano. Trata-se de uma ferramenta de dupla utilização: machado, para abate de árvores, e alvião (enxó) para cavar a terra.



04

MÓ MANUAL (DORMENTE)

Material: Granito

Dimensões: Diâmetro — 36cm

Proveniência: Vale do Grou (Envendos)

Bibliografia: Pereira, 1970, p. 328



05

FRAGMENTO DE BORDO DE DOLLUM

Material: Cerâmica

Dimensões: Altura — 15cm;

Largura — 15,5cm;

Espessura — 3cm.

Proveniência: Vale do Junco (Ortiga)

Bibliografia: Inédito

TECELAGEM

A fiação e a tecelagem eram tarefas habituais das mulheres romanas, independentemente do seu nível social. Se em algumas cidades, como Conimbriga, foi encontrada uma grande concentração de pesos de tear na mesma área habitacional, o que remete para uma produção quase “industrial”, no que diz respeito ao mundo rural a tecelagem era de carácter familiar, efetuada em casa, assumindo grande importância no âmbito da produção de tecidos para vestuário. Em diversas *villae** e em casais rústicos do mundo romano surgem frequentemente evidências de tecelagem, através de pesos de tear em cerâmica, alguns deles com marcas diversas, como por exemplo nomes, números e símbolos. No território de Mação, para além de vários casos destes artefactos, descobriu-se também um fragmento de tesoura de tosquia em ferro, destinada a retirar a lã das ovelhas para a produção de fio. Foi encontrada em Vale do Junco nas escavações de 1986, dirigidas por Rogério Carvalho.



06

PESO DE TEAR

Material: Cerâmica

Dimensões: Altura — 11cm;

Largura máxima — 5,8cm;

Espessura — 3,5cm

Proveniência: Senhora da Moita (Carvoeiro)

Bibliografia: Inédito

Observações: Apresenta um símbolo inciso.



07

PESO DE TEAR TRONCO-PIRAMIDAL

Material: Cerâmica

Dimensões: Altura — 9cm;

Base quadrangular — 6,5cm x 6,5cm;

Topo quadrangular — 4,3cm x 4cm

Proveniência: Senhora da Moita (Carvoeiro)

Bibliografia: Inédito

Observações: Apresenta a marca X no topo.



08

BRAÇO DE TESOURA DE TOSQUIA

Material: Ferro

Dimensões: Comprimento — 38cm;
Comprimento da lâmina — 13,5cm

Proveniência: Vale do Junco (Ortiga)

Bibliografia: Carvalho & Ponte, 1987, p. 106-107.

CERÂMICA

As produções romanas em cerâmica são muito diversificadas, com várias utilizações, desde cerâmicas de mesa, recipientes para armazenamento e transporte de géneros agrícolas e conservas de peixe, pesos de tear para tecelagem de vestuário, lucernas para iluminação e materiais de construção como telhas, ladrilhos e tijolos, sendo estes frequentemente utilizados em colunas de pátios interiores de algumas *domus**. Entre as cerâmicas de mesa distinguem-se várias formas em cerâmica comum (tigelas, púcaros, bilhas, panelas...), a terra sigillata e as cerâmicas de paredes finas, sendo estas duas últimas verdadeiras peças de luxo, apenas ao alcance das classes mais abastadas. As sigillatas eram importadas de vários centros de produção existentes na atual Espanha, no Sul de França e em Itália. A partir do século IV e do século V, começam a ser produzidas principalmente no Norte de África, constituindo as denominadas sigillatas claras, de cor alaranjada, não apresentando o típico engobe vermelho lacre, característico dos exemplares anteriores. No que diz respeito ao território de Mação, são numerosos os sítios onde se têm recolhido diversos exemplos de cerâmicas romanas, destacando-se as sigillatas e as lucernas da Senhora da Moita, com alguns exemplares restaurados, constituindo formas completas.



09

TAÇA (FORMA DRAGENDORFF 37)

Material: Cerâmica (terra sigillata*)

Dimensões: Diâmetro do bordo — 14cm;

Altura — 7cm;

Diâmetro da base — 5 cm.

Proveniência: Senhora da Moita (Carvoeiro)

Bibliografia: Pereira, 1970, p. 343

Observações: Decoração com círculos concêntricos.



10

PRATO (FORMA DRAGENDORFF 15-17)

Material: Cerâmica (terra sigillata).

Dimensões: Diâmetro do bordo — 17,6cm;

Altura — 4,8cm;

Diâmetro da base — 7,5 cm

Proveniência: Senhora da Moita (Carvoeiro)

Bibliografia: Pereira, 1970, p. 340-341

Observações: Grafito (VT) na base exterior.



11

LUCERNA

Material: Cerâmica

Dimensões: Comprimento — 10,5cm;

Largura — 7cm; altura — 2,5cm; diâmetro do disco — 5cm

Proveniência: Senhora da Moita (Carvoeiro)

Bibliografia: Inédito.

Observações: Decorada com a representação de uma águia pousada em ramo de árvore.



12

JARRINHO

Material: Cerâmica

Dimensões: Altura — 9cm;

Diâmetro do fundo — 5,3cm;

Diâmetro do gargalo — 2,9cm.

Proveniência: Senhora da Moita (Carvoeiro)

Bibliografia: Inédito.

Observações: Cerâmica comum.



13

**FRAGMENTO DE TERRA SIGILLATA*
(BORDO DE PRATO?)**

Material: Cerâmica

Dimensões: Comprimento — 3,5 cm;
Altura — 2,5 cm.

Proveniência: Vale do Junco (Ortiga)

Bibliografia: Inédito.

Observações: Tem a representação de um peixe em relevo.

METALURGIA

No sítio romano de Vale do Junco (Ortiga) foi identificada e escavada em 1986 uma forja de produção de utensílios em ferro, que seria eventualmente um dos meios de exploração económica daquela estação arqueológica*. Para além das ferramentas típicas de uma ferraria (tenaz, tubo de fole, martelo e bigorna) foram encontradas peças destinadas à agricultura, tais como enxadas e foices, certamente aí produzidas.

Próximo deste local, o topónimo Outeiro da Mina é indicador de uma atividade mineira, provavelmente da extração de minério de ferro. No que diz respeito à produção metalúrgica, no território de Mação existem também exemplos de peças em bronze, como um fragmento de uma possível sítula e o cabo de uma frigideira, entre outros. Quanto aos utensílios de ferro, para além dos já indicados, descobriram-se tenazes, facas, um escopro, inúmeros pregos grandes e chaves, sendo estas do mesmo tipo de algumas encontradas em Conimbriga.

A atividade metalúrgica no Período Romano foi também responsável pela produção de armas, existindo alguns exemplos no território de Mação, que serão abordados mais adiante.



14

ALGARAVIZ*

Material: Ferro

Dimensões: Comprimento — 27,5cm;
Largura máxima — 6cm

Proveniência: Vale do Junco (Ortiga).

Bibliografia: Carvalho e Cabral, 1996, p. 162, Estampa 2.



15

TENAZ DE FORJA

Material: Ferro

Dimensões: Comprimento — 39cm.

Proveniência: Vale do Junco (Ortiga)

Bibliografia: Carvalho e Cabral, 1996, p.161, Estampa I.



16

MARTELO DE FORJA

Material: Ferro

Dimensões: Comprimento — 16cm;

Largura — 7cm;

Espessura — 3,6cm.

Proveniência: Vale do Junco (Ortiga)

Bibliografia: Carvalho & Ponte, 1987, p. 106-107.



17

BIGORNA

Material: Ferro

Dimensões: Altura — 10cm;
Largura — 16cm.

Proveniência: Vale do Junco (Ortiga).

Bibliografia: Carvalho & Ponte, 1987, p. 106-107.



18

FRAGMENTO DE SÍTULA (?)

Material: Bronze

Dimensões: Comprimento — 14cm;
Largura — 5,5cm

Proveniência: Vale do Junco (Ortiga).

Bibliografia: Inédito.



19

CHAVE

Material: Ferro

Dimensões: Comprimento — 22 cm;
Largura — 6,5 cm.

Proveniência: Vale do Junco (Ortiga)

Bibliografia: Inédito.

O COMÉRCIO

A troca de produtos agrícolas e artesanais no seio do Império Romano desenvolveu, em grande escala, o comércio e a circulação monetária. De facto, se fenícios e gregos criaram postos comerciais ao longo do Mediterrâneo, foram os romanos a dar uma maior dimensão à atividade comercial no Mundo Antigo. As várias províncias do Império eram de certo modo interdependentes em termos económicos, sendo algumas especializadas na produção de azeite, como a Bética, na Hispânia*, e na produção de cereais, como o Egito. Produtos agrícolas como vinho e azeite eram transportados em ânforas por rotas marítimas, tal como o garum, um preparado de peixe muito apreciado em todo o Império.

As moedas romanas provenientes do território de Mação são bastantes escassas, existindo na bibliografia especializada menções a alguns exemplares cujo paradeiro se desconhece atualmente. Foram entretanto estudadas oito moedas descobertas no balneário de Vale do Junco e publicadas em 1970 pela Dr.^a Maria Amélia Horta Pereira. Neste sítio arqueológico foram ainda encontrados dois possíveis ganchos de balança romana, utensílio que se relaciona com uma atividade comercial ou artesanal.

A descoberta de um lingote de ferro em Vale do Junco com 86 cm de comprimento, 8,5 cm de largura e 4 cm de espessura coloca a questão de estarmos perante a importação desta matéria-prima para fabrico de utensílios ou, ao contrário, da produção local para exportação para outras regiões.



20

MOEDA DE CONSTANTINO

Material: Bronze

Dimensões: Diâmetro — 1,8cm

Proveniência: Vale do Junco (Ortiga)

Cronologia: 3º quartel do século IV.

Bibliografia: Inédito (?)

Observações: Reverso com o imperador de pé, estando a cabeça desgastada, estendendo a mão direita a uma figura humana com joelho em terra. Não consta do conjunto de moedas publicadas por Maria Amélia Horta Pereira.



21

ASA DE ÂNFORA

Material: Cerâmica

Dimensões: Largura máxima da asa — 6,3cm;
Altura — 17cm.

Proveniência: Castro de S. Miguel (Amêndoa).

Bibliografia: Inédito.



22

GANCHOS DE BALANÇA (?)

Material: Ferro

Dimensões: Gancho da esquerda — Comprimento — 14,7cm;
Largura — 6,7cm.

Gancho da direita — Comprimento — 16cm;
Largura — 4,9cm.

Proveniência: Vale do Junco (Ortiga)

Bibliografia: Inédito.

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

No âmbito da construção civil, os romanos utilizaram vários materiais como diversos tipos de rocha (granito, mármore, calcário), cerâmica (telhas, ladrilhos, tijolos), e argamassas diversas como, por exemplo, o *opus signinum**. O granito foi utilizado para a produção de colunas, existindo alguns vestígios de bases das mesmas no território de Mação, não se tendo encontrado até ao momento exemplos de mármore, utilizado durante o Período Romano em pavimentos de algumas *domus*.* O calcário, nas suas variedades branca e negra, era geralmente utilizado para as tesselas* dos mosaicos, que eram também, por vezes, constituídas por cerâmica e por vidro. Todavia, embora existam algumas possíveis *villae** no Concelho de Mação, o único exemplo de mosaico encontrado até agora é proveniente de A Coutada, na Freguesia de Amêndoa, tendo sido imediatamente enterrado após a sua descoberta em 1943 durante trabalhos agrícolas.

Os telhados das casas romanas eram compostos por dois tipos de telha – a *tegula** (telha plana de rebordo) e o ímbrex* (telha curva), que cobria a união de duas telhas planas e permitia a impermeabilidade do telhado. Os ladrilhos eram utilizados para pavimentos de balneários e de cozinhas, entre outros compartimentos. Os tijolos, geralmente em forma de paralelepípedo, surgiam também em forma de quadrante de círculo, utilizados para a construção de colunas em pátios interiores das habitações ricas, sendo posteriormente revestidas de estuque e pintadas, de modo a imitar o mármore.



23

BASE DE COLUNA

Material: Granito

Dimensões: Diâmetro — 36cm

Proveniência: Vale do Grou (Envendos).

Bibliografia: Pereira, 1970, p. 328-330.



24

FRAGMENTO DE LADRILHO

Material: Cerâmica

Dimensões: Comprimento — 10,5cm

Largura — 9cm

Proveniência: Vale do Junco (Ortiga)



25

FRAGMENTO DE *TEGULA*

Material: Cerâmica

Dimensões: Altura — 5cm

Espessura — 2,7cm

Proveniência: Vale do Junco (Ortiga)



26

**FRAGMENTO DE ÍMBREX* COM DECORAÇÃO POR
MARCAS DE DEDOS.**

Material: Cerâmica

Dimensões: Comprimento — 26,5cm;

Largura — 20cm.

Proveniência: Senhora da Moita (Carvoeiro)

Bibliografia: Inédito



27

AMOSTRA DE *OPUS SIGNINUM*

Material: Cal aérea, areia, cascalho fino, tijolo moído

Dimensões: Comprimento — 23,5cm

Largura — 16cm

Espessura — 5,5cm

Proveniência: Vale do Junco (Ortiga)

ALIMENTAÇÃO

A alimentação no Período Romano é um tema ainda pouco estudado, quando o comparamos com atividades dessa época como a cerâmica, a numismática, a epigrafia e a arte musiva*, entre outras. No que diz respeito a evidências alimentares do passado romano em Mação, a arqueologia fornece alguns indícios de carácter material. A descoberta de um cabo de frigideira, em bronze, remete para o consumo de fritos e a existência de algumas mós manuais indica que em vários casais rústicos se produzia farinha através da moagem de cereais. As azeitonas, o azeite e o vinho fariam certamente parte da dieta das populações que por aqui viveram, tendo em conta a presença de fragmentos de *dolia* e de ânforas, onde se armazenavam e transportavam esses produtos alimentares. A proximidade do rio Tejo proporcionava a captura de peixes do rio. Todavia, não dispomos de informações mais concretas sobre os hábitos alimentares dos romanos que viveram no território de Mação. Para o mundo romano em geral, os autores clássicos informam que existem diferenças de alimentação entre os mais pobres e as classes abastadas. Os primeiros raramente comiam carne, sendo a base da sua alimentação constituída pela *puls* - papas de cereais por vezes enriquecidas com feijão, azeitonas e queijo. O livro de receitas romanas escrito por Marco Gávio Apício (25 a.C. – 37 d.C.), entre outras fontes, dá uma ideia da variedade e por vezes da extravagância dos pratos que eram servidos em banquetes das classes ricas.



28

CABO DE FRIGIDEIRA

Material: Bronze

Dimensões: Comprimento – 18,8cm;
Espessura – 0,3cm.

Proveniência: Vale do Junco (Ortiga)

Bibliografia: Inédito.



29

FACA

Material: Ferro

Dimensões: Comprimento – 20 cm;
Largura máxima – 5 cm;
Espessura – 0,2 cm

Proveniência: Vale do Junco (Ortiga)

Bibliografia: Inédito.

EQUIPAMENTO MILITAR

É muito escasso o equipamento militar de época romana encontrado até aos dias de hoje no território de Mação, sendo conhecidos apenas dois exemplos: um *pilum** e uma lança de alvado, ambos provenientes do Castro de S. Miguel da Amêndoa. Todavia, embora o primeiro seja tipicamente romano, com paralelos existentes no Museu Monográfico de Conimbriga, o segundo pode eventualmente remontar à Idade do Ferro, período do qual existem vários vestígios no sítio arqueológico onde foi encontrado. Apesar da escassez deste tipo de materiais, o seu interesse arqueológico, militar e cultural justifica plenamente a sua inclusão na presente mostra.



30

PILUM*

Material: Ferro

Dimensões: Comprimento — 49cm;

Largura máxima — 2,9cm;

Espessura máxima — 1,5cm.

Proveniência: Castro de S. Miguel (Amêndoa)

Bibliografia: Inédito.

Observações: Peça levada em 1984 para Conimbriga, para restauro, por parte da Dr.^a Mária Amélia Horta Pereira. Regressou a Mação em 2022.



31

LANÇA DE ALVADO

Material: Ferro

Dimensões: Comprimento da lâmina — 28cm
Largura máxima da lâmina — 4cm
Espessura — 0,6cm

Proveniência: Castro de S. Miguel (Amêndoa)

Bibliografia: Pereira, 1970: 245-248.

Observações: Idade do Ferro (?), Período Romano (?).

AS ARTES

Pouco se sabe ainda acerca da produção artística no território de Mação durante o Período Romano. Todavia, uma estatueta existente na reserva do Museu, recolhida em Vale do Junco nos anos 20 do século passado, e recentemente publicada, torna-se importante, pois revela a qualidade do nível cultural dos proprietários deste sítio nos primeiros séculos da nossa era. De facto, a peça apresenta uma inscrição em caracteres gregos (ΣΩΗ), significando, possivelmente, “saudável” ou “salvo” (de uma doença, de um perigo), tratando-se provavelmente de um ex-voto*. Quanto a mosaicos, um elemento carismático da arte romana, até ao momento, em Mação, apenas se conhecem alguns pequenos fragmentos, provenientes de a Coutada (Amêndoa), uma possível *villa**. Em 1943, durante trabalhos agrícolas neste local, apareceu um pavimento em mosaico, que infelizmente foi imediatamente mandado aterrar pelo proprietário do terreno, desconhecendo-se se ainda existe, ou não, e qual o seu estado de conservação. Estações arqueológicas romanas como a Coutada, Senhora da Moita e Vale do Junco poderão ter ainda enterrados vestígios de mosaicos romanos, que eventualmente poderão ser revelados na sequência de investigação arqueológica bem programada e apoiada institucionalmente, contribuindo assim para o enriquecimento do património arqueológico de Mação.



32

ESTATUETA COM INSCRIÇÃO

Material: Bronze

Dimensões: Altura — 12 cm;
Largura — 6,8cm

Proveniência: Vale do Junco (Ortiga)

Bibliografia: Encarnação & Coimbra, 2022, p. 177-190.

Observações: Foi recolhida por Félix Alves Pereira em 1921.



33

FRAGMENTO DE MOSAICO POLÍCROMO

Material: Calcário e grauvaque*.

Dimensões: Comprimento — 20cm;

Largura — 12cm

Proveniência: A Coutada (Amêndoa)

Bibliografia: Pereira, 1970, p. 322-323.

Observações: Recolhido pelo Dr. João Calado Rodrigues em 1943.



34

FÍBULA SERPENTIFORME

Material: Cobre

Dimensões: Diâmetro maior — 2,7cm;
Espessura — 0,3cm.

Proveniência: Vale do Junco (Ortiga)

Bibliografia: Pereira, 1970, p.373.

Observações: Falta o fusilhão.

EPIGRAFIA E RELIGIÃO

Apesar de dominadores do território conquistado, os romanos aceitaram facilmente que os povos indígenas continuassem a prestar culto aos seus próprios deuses e, desse modo, o panteão de divindades que surge na epigrafia é muito variado entre as diversas províncias do Império. No que diz respeito ao território de Mação, os casos relativos à religião são bastante escassos, existindo apenas algumas aras votivas e lápides funerárias, entre outros vestígios. Infelizmente, alguns desses monumentos encontram-se em paradeiro desconhecido, como por exemplo uma importante ara dedicada às *Aqvis Sacris* (Águas Sagradas) da qual se dispõe apenas de um desenho que aqui reproduzimos. Entre outras entidades a quem se prestou culto encontram-se *Iovi* (Júpiter), *Fontanus* e os Deuses Manes*. Associado à religião está o culto funerário, do qual ainda se sabe pouco relativamente à época em que os romanos estiveram em Mação. Também de paradeiro incerto existe uma lápide funerária, que, embora truncada, parece invocar os deuses Manes* estando decorada com uma rosácea de seis pétalas, representação do mundo astral para onde os romanos acreditavam ir viver após a morte. Por último, um elemento importante é a existência de diversos fragmentos de *simpulum**, um tipo de taça com cabo, utilizada em rituais religiosos para libações*.



35

ARA DE *CELTIVS A FONTANVS* (?)

Material: Granito

Dimensões: Altura — 47cm;

Largura no capitel — 29cm;

Espessura no capitel — 30cm.

Proveniência: Senhora da Moita (Carvoeiro)

Bibliografia: Pereira, 1970, p.348-352

Observações: Dedicada por Celtius (de origem céltica) possivelmente ao deus lusitano *Fontanus*. O estado de mutilação do monumento dificulta a leitura.



36

ARA ÀS ÁGUAS SAGRADAS

Material: ?

Dimensões: ?

Proveniência: Vale do Junco (Ortiga)

Bibliografia: Encarnação e Leitão, 2018

Observações: Paradeiro atual desconhecido. Desenho de João Caritas Ribeirinho, cedido à Dr.^a Maria Amélia H. Pereira.



37

ARA A IOVI (?)

Material: Granito róseo

Dimensões: Altura — 57cm;

Largura — 30cm;

Espessura — 22cm

Proveniência: Senhora da Moita (?) (Carvoeiro)

Bibliografia e foto: Encarnação e Leitão, 2018

Observações: Datada do século I d.C.



38

LÁPIDE DE ALLONIUS

Material: Xisto

Dimensões: Comprimento — 94,5cm;

Largura — 50cm;

Espessura — 5cm

Proveniência: Chão do Pião (Cardigos)

Bibliografia: Pereira, 1970, p. 334-336

Observações: Serviu de parapeito à fonte de Chão do Pião. Foi mandada retirar, há mais de 50 anos, pelo Sr. Mário Tavares (Vereador da Câmara Municipal de Mação), para ser guardada na antiga Igreja Paroquial de Cardigos. Localização exata desconhecida.



39

**FRAGMENTOS DE FUNDO, BORDO
E CABO DE *SIMPULUM****

Material: Bronze

Dimensões: Diâmetro do fundo — 7,4cm.

Proveniência: Concelho de Mação, com localização exata desconhecida.

Bibliografia: Inédito.

CRENDICES E SUPERSTIÇÕES

Os romanos foram um povo que cultivou diversas crenças e superstições, temendo sobretudo *Invidus*, uma divindade maligna que podia atingir tanto humanos como animais. Receavam também as imprecações*, o olhar de certas criaturas e a magia. Como defesa contra estes perigos possuíam uma panóplia de amuletos e símbolos protetores contra doenças, “o mau-olhado” e o mal em geral. Entre os materiais de carácter profilático* recolhidos no território e Mação destaca-se um machado polido, de datação pré-histórica, encontrado em Vale do Junco. Os romanos atribuíam propriedades mágicas a estas peças, julgando que eram capazes de os proteger dos raios das trovoadas. É por esse motivo que surgem, por vezes, machados polidos enterrados junto dos alicerces de casas do Período Romano, como acontece em Conimbriga. Curiosamente, em algumas zonas da Estremadura e talvez em outras de Portugal, estes artefactos eram até há pouco tempo conhecidos pelos idosos como “pedras de raio”, que acreditavam que elas tinham capacidades idênticas às que os romanos lhes davam.



40

MACHADO POLIDO

Material: Anfibolito (?)

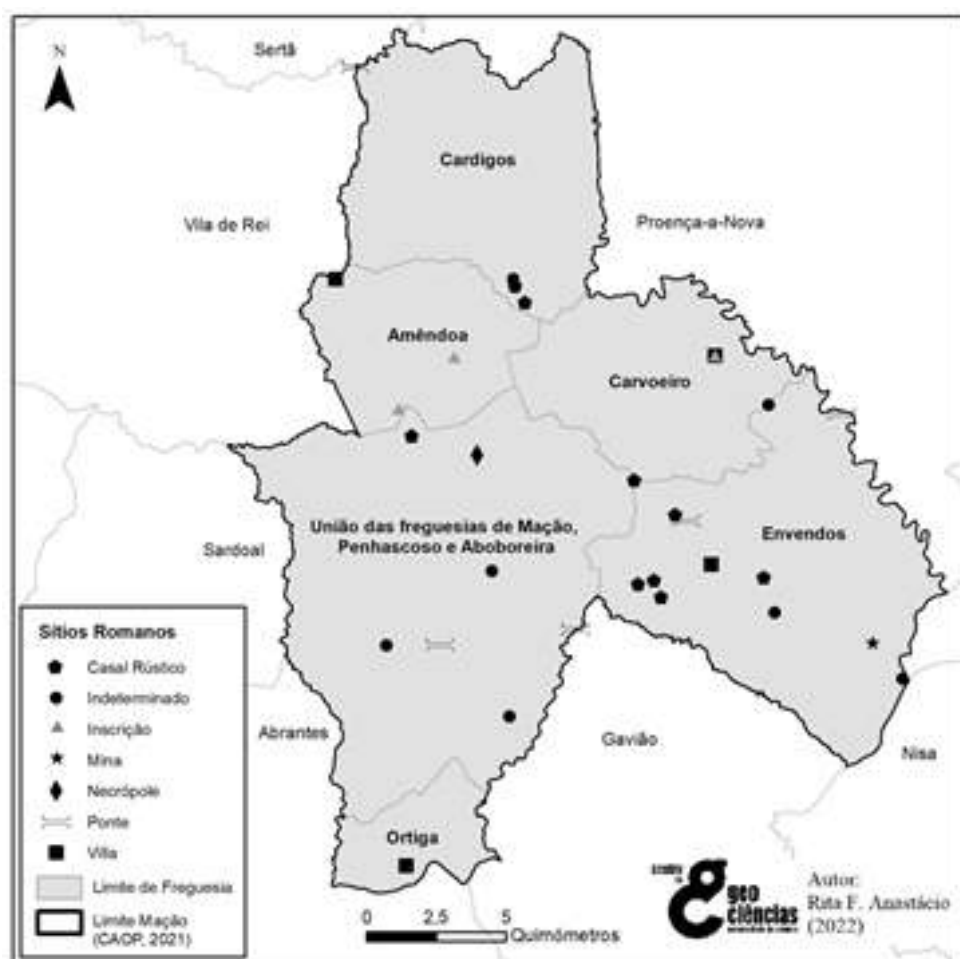
Dimensões: Altura — 21cm

Largura — 6cm

Proveniência: Vale do Junco (Ortiga)

Bibliografia: Inédito

Observações: Cedido ao Núcleo Museológico da Ortiga por Ana Parente.



VESTÍGIOS ROMANOS NO TERRITÓRIO DE MAÇÃO

GLOSSÁRIO

Algaraviz — Tubo de ferro, cobre ou barro refratário, que conduz o ar de um fole para a câmara de fundição de uma forja.

Alvado — Parte oca e cilíndrica de certas ferramentas metálicas na qual encaixa o cabo, geralmente de madeira.

Ânfora — Recipiente cerâmico, geralmente com duas asas, com uma forma longa regularmente ovoide e com um fundo cônico ou bicudo, que era utilizado para armazenar e/ou transportar vários produtos alimentares, maioritariamente vinho, azeite e preparados de peixe como o *garum**.

Ara — Bloco de pedra aparelhado, de média dimensão, geralmente com uma forma prismática quadrangular, contendo uma inscrição, que pode ser votiva, funerária ou honorífica.

Arte musiva — Atividade de elaboração/construção de mosaicos.

Casal rústico — Propriedade de exploração agrícola romana, de média dimensão, caracterizada pela existência numerosa de objetos para a prática de atividades rurais. Estes lugares são de menor dimensão que as *villae**, e geralmente não têm evidências de materiais ou objetos que remetam para a ostentação e para o luxo.

Cerâmica comum — Categoria de objetos em argila cozida, que engloba a cerâmica de cozinha, de mesa e utilitária. Este grupo abrange uma grande variedade de formas com diferentes funções.

Deuses Manes — Na mitologia romana, os *Manes* eram as almas dos familiares falecidos, sendo venerados como divindades no âmbito de um culto aos antepassados. Algumas estelas funerárias romanas são encimadas pelas siglas D. M. S. significando que são dedicadas aos Deuses Manes Sagrados.

Dolium — (pl. *dollia*) — Recipiente cerâmico de armazenamento de alimentos, nomeadamente vinho, azeite

e cereais. É caracterizado pela sua forma oval, com uma boca larga e fundo plano ou arredondado, com dimensões maiores que a ânfora.

Domus — Residência das famílias abastadas no período romano, podendo estar localizada na cidade ou no meio rural.

Epigrafia — Ciência que estuda as inscrições em suportes resistentes (rocha, metal, cerâmica).

Estação arqueológica/sítio arqueológico — Local onde ficaram preservados vestígios materiais de grupos humanos passados.

Ex-voto — Objeto oferecido a uma divindade como sinal de agradecimento por um pedido alcançado.

Fíbula — Alfinete que pode ser de ouro, prata ou bronze, destinado a prender uma peça de vestuário.

Garum — Molho produzido através de peixes diversos, salgados, macerados em tanques e expostos ao sol para fermentação. Era muito apreciado no Período Romano.

Grauvaque — Rocha de origem sedimentar.

Hispânia — Nome dado pelos romanos a toda a Península Ibérica.

Ímbrex — Telha romana de meia cana.

Imprecações — Pragas, maldições.

Libação — (pl. libações) — A ação de derramar água, vinho, sangue ou outros líquidos no âmbito de atividades religiosas ou rituais, em honra de uma divindade.

Lucerna — Termo derivado do grego *lychnus*, que designa qualquer utensílio destinado a iluminação, através de um combustível líquido; lamparina para iluminação, que no período romano é alimentada com azeite de menor qualidade.

Opus signinum — Argamassa romana composta por cal hidráulica, areia grossa e tijolo moído, caracterizada por grande compactação e impermeabilidade. Daí ser utilizada em superfícies destinadas a conter água, como por exemplo as existentes em termas e balneários. Por vezes pode apresentar pequenas pedras.

Pilum — Lança típica das legiões romanas, constituída por uma parte de ferro e outra de madeira, maior e mais pesada.

Podoa — Tipo de foice, utilizado geralmente para podar árvores.

Profilático — Protetor, preventivo.

Simpulum — Pequeno vaso de prata ou de bronze usado em libações* rituais no seio das Civilizações Clássicas. Por vezes apresentavam um cabo longo.

Tegula (pl. *tegulae*) — Telha plana de forma retangular com rebordos laterais. Esta peça, juntamente com o *imbrex*, que cobria a junção de duas *tegulae*, faz parte do telhado em época romana.

Terra Sigillata — Cerâmica romana de ir à mesa, caracterizada pela sua cor avermelhada e pela existência de um engobe que lhe transmite um brilho muito característico. É considerada como um elemento de luxo, tendo existido importantes centros de produção em Itália, na Gália e na Hispânia, entre o século I a.C. e o século III d.C.

Tesselas — Pequenos cubos de pedra, de cerâmica ou de vidro, que, em grande número, constituíam o *opus tessellatum*, isto é, pavimento em mosaico, que poderia ser apenas de carácter geométrico ou apresentar figuras humanas e animais, entre outras, formando cenas de grande qualidade artística.

Villa (pl. *Villae*) — Propriedade rural do período romano constituída por três áreas: *pars urbana* (casa senhorial e balneário), *pars rustica* (habitações dos trabalhadores) e *pars fructuaria* (área de produção).

PARA SABER MAIS...

ALARCÃO, A. M. (1994). *Museu Monográfico de Conimbriga. Coleções*. Instituto Português de Museus, Lisboa: 180p.

ALARCÃO, A. M. (1997). *Portugal Romano: a exploração dos recursos naturais*. Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa: 172 p.

CARVALHO, R. P.; CABRAL, M. C. (1996). Algumas peças metálicas do Vale do Junco. In, *Ocupação Romana dos Estuários do Tejo e do Sado – Actas das Primeiras Jornadas sobre Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado*. Câmara Municipal do Seixal e Publicações Dom Quixote, Lisboa: 157-166.

CARVALHO, R. P.; PONTE, S. da (1987). Seis peças metálicas do Vale do Junco. *Portugália, vol.6-7, série 2*. Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto: 105-106.

ENCARNAÇÃO, J. de; COIMBRA, F. A. (2022). Estatueta Romana de Vale do Junco (Ortiga, Mação). *Antrope, 14*. Centro das Arqueologias, Instituto Politécnico de Tomar: 177-190.

ENCARNAÇÃO, J. de; LEITÃO, M. (2018). Ara da Senhora da Moita, Mação (Conventus Scallabitanus). *Ficheiro Epigráfico*, (163), Inscrição 638.

PEREIRA, M^a A. H. (1970). *Monumentos Históricos do Concelho de Mação*, Mação: 307-387.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Professor Doutor José d'Encarnação a
cedência do desenho da ara dedicada às Águas Sagradas.

Catálogo da Exposição

Mação, 2022

VALE DO JUNCO E O PASSADO ROMANO NO TERRITÓRIO DE MAÇÃO

Núcleo Museológico de Ortiga

Coordenação de Fernando A. Coimbra